OS ASPECTOS LITERÁRIOS EM SOBREVIVENDO NO INFERNO RAP DOS RACIONAIS Mc's

Larissa de Medeiros (PIBIC/CNPq/UEPG), Rosana Apolonia Harmuch (Orientador), rosanaharmuch@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem/Setor Ciências Humanas, Letras e Artes

Linguística, Letras e Artes. Letras. Teoria Literária.

Palavras-chave: Literatura, cânone literário, poesia, rap.

Resumo

O objeto de estudo deste trabalho é o livro Sobrevivendo no Inferno, do grupo de rap Racionais Mc's. O livro foi lançado pela Cia das Letras, em 2018, por conta de a Unicamp incluir o disco, que é de 1997, na lista de leituras obrigatórias para o vestibular de 2020. Foram analisados os 11 poemas que compõem o disco e o livro, na busca de aspectos literários utilizados pelos compositores. Neste texto, são apresentados dois desses aspectos recorrentes na obra: a presença da religiosidade e a potência do discurso poético que são capazes de conduzir o leitor para fora do universo periférico paulistano citado repetidamente nos poemas.

Para a conclusão, a pesquisa propõe apoiar e disseminar os poemas do rap dos Racionais Mc's como uma opção literária de resistência ao conservadorismo canônico, muitas vezes imposto pelos críticos. Essa proposição se baseia no entendimento de que o rap é uma expressão poética e também na expressiva qualidade estética da obra aqui analisada

Introdução

1.Racionais Mc's

O grupo Racionais Mc's é considerado precursor do rap, tanto como grupo quanto como autores individuais. Suas produções musicais são referências na comunidade do rap e Sobrevivendo no Inferno é o primeiro disco que foi publicado no formato livro.

Material e Métodos

Pesquisa de caráter bibliográfico.

Resultados e Discussão

1. A religiosidade poética como tema

A organização dos 6 primeiros poemas no livro Sobrevivendo no Inferno remete a um conjunto de elementos oriundos de práticas do culto religioso.

a) Poema 1 – Jorge da Capadócia – Jorge Ben

Jorge da Capadócia é um cântico de louvor a São Jorge da Capadócia, um santo respeitado na religião cristã e considerado protetor dos excluídos e marginalizados. O poema é uma preparação para abrir o caminho do eu lírico e pedir proteção durante a epopeia poética que temos nos poemas seguintes. Os versos são retirados de um trecho do cântico a São Jorge e o eu lírico é enfático nas afirmações de ordem contra os inimigos, como se pode perceber nos versos a seguir: ”Para

que meus inimigos tenham pés e não me alcancem/Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem" (RACIONAIS, 2018, p. 43).
O eu lírico pede a proteção de Jorge e veste se com as armas e roupas do guerreiro, alusivamente, terminando com dois "Salves" como um ato de respeito.

a) Poema 2 – Gênesis – Mano Brown

A partir do sentido da palavra Gênesis (criação), o poema, com apenas uma estrofe, apresenta uma divisão entre o que Deus fez, em oposição ao que o homem fez. A diferença se esclarece no verso em que o eu lírico, após apresentar as proezas produzidas por Deus e pelo homem, se questiona, "Eu?/Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática/Um sentimento de revolta/E tô tentando sobreviver no inferno". (RACIONAIS, 2018, p. 45)
O eu lírico constata que não criou nada, somente usa o que tem a mão para sobreviver. Na cerimônia litúrgica poética dos Racionais Mc's, este poema é o momento de reflexão em que o eu lírico pode fazer a escolha entre dois caminhos para prolongar sua existência no mundo criado por Deus.

b) Poema 3 – Capítulo 4, versículo 3 – Mano Brown

O poema Capítulo 4, versículo 3 inicia com uma estrofe onde o eu lírico faz uma denúncia da violência promovida pela polícia contra jovens negros sem antecedentes criminais.
A referência religiosa aparece quando o eu lírico toma posse da ressuscitação de Jesus Cristo dos livros do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, e apresentar ao leitor sua personalidade, como podemos ver no trecho: "Depois de Cristo/**A fúria negra ressuscita outra vez**/Racionais, capítulo 4, versículo 3. (RACIONAIS, 2018, p. 50 grifo nosso).
A comparação com a ressuscitação que ocorreu no Cristianismo é uma marca da escolha de linguagem usada por Mano Brow para este poema, que é direta e carregada de jargões específicos das comunidades da periferia de São Paulo, entretanto o poeta não deixa de lançar mão da linguagem figurada em diversos momentos do poema.

c) Poema 4 - Tô ouvindo alguém me chamar – Mano Brown

É uma narrativa poética de um eu lírico entre a vida e a morte. São momentos em que revive o passado e procura a saída do limbo em que se encontra. Na extrema unção poética aquele eu lírico vestido de guerreiro divaga entre o passado violento e uma esperança de vida com a promessa de mudança de vida, "Sinto a garganta ressecada/E a minha vida escorrer pela escada/**Mas se eu sair daqui eu vou mudar**" (RACIONAIS, 2018, p.61, grifo nosso). Busca uma esperança em Deus, "Será que Deus ainda olha pra mim?" (RACIONAIS, 2018, p.64). Até o fim do poema o eu lírico mantém a esperança de viver, "Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada/Sinto a roupa grudada no corpo/Eu quero viver, não posso estar morto/**Mas se eu sair daqui eu vou mudar**" (RACIONAIS, 2018, p.69, grifo nosso).

d) Poema 5 – Rapaz comum – Edi Rock

No poema Rapaz comum, o eu lírico é agraciado com a oportunidade de acompanhar seu enterro. A marca religiosa neste poema está no fato de manter a esperança de que a qualquer momento pode sair daquela fímbria entre a vida e a morte, como descrito no trecho a seguir:

> Jogam terra, flores, se despedem na última oração
> Tão me chamando, meu tempo acabou
> Não sei para onde ir, não sei para onde vou
> Qual que é? Qual que é? O que eu vou ser?
> Talvez um anjo de guarda pra te proteger
> (RACIONAIS, 2018, p.79).

A fé do eu lírico é enigmática, porque mesmo depois de ter vivido uma vida de crimes e violência, acredita que agora pode descansar em paz e até ser um “anjo”, pois se arrependeu dos seus pecados na última hora. As rimas que são contundentes com a mensagem do poema expõem ao leitor o sofrimento do eu lírico fantasma.

e) Poema 6 – Edi Rock

A página 80 do livro tem apenas três pontos e a palavra “[Instrumental]”. É o momento do silêncio poético que permite que o leitor faça uma pausa para refletir e homenagear o rapaz comum morto, na cerimônia religiosa cristã é o momento de prece para as almas descansarem em paz. (RACIONAIS, 2018)

2. A potência do discurso poético

O universo descrito nos poemas é claramente a periferia de São Paulo, entretanto, os poetas manejam os enredos de modo que o leitor seja conduzido a outros universos tão violentos quanto a periferia paulistana.

A linguagem violentamente explícita é uma das estratégias estéticas escolhidas pelos poetas, “Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”, fluindo com destreza pela linguagem conotativa. (Racionais, 2018, p. 49)

No poema Diário de um detento escrito por Jocenir e Mano Brown, um dos mais longos do livro, mostra a busca pela proximidade com a realidade. A tradicional Literatura de Aristóteles em a Poética, considera a arte das palavras como mimese ou imitação da realidade. (ARISTÓTELES, 2008)

Mano Brown traduziu este relato vivido por um presidiário de Carandiru em um poema de denúncia e exposição dos horrores do sistema carcerário brasileiro, sem esquecer o compromisso com a literatura e seus recursos estéticos.

Jocenir relatou em seu diário pessoal os dias 1, 2, 3 de outubro de 1992, em que conta a histórica e sangrenta rebelião do Carandiru, que levou a morte mais de 100 detentos e apenas um Coronel da polícia foi condenado pela justiça.

Periferia é Periferia (Em qualquer lugar) de Edi Rock,a estratégia estética literária está principalmente no uso de parênteses no título e nos versos: “Periferia é periferia **(em qualquer lugar)/**gente pobre/Periferia é periferia” (RACIONAIS, 2018, p. 96, grifo nosso).Os parênteses conseguem ampliar a periferia Paulista e associar as periferias Brasileiras a realidade descrita no poema.

Em Qual mentira vou acreditar Mano Brown e Edi Rock fazem versos com uma lista de situações que são disfarces de preconceito racial, como o policial que para o preto para conferir documentos e afirma que, “O primo do cunhado do meu genro é mestiço/Racismo não existe, comigo não tem disso/É pra sua segurança” (RACIONAIS, 2018, p. 100).

O poema Mágico de Oz escrito por Edi Rock é uma referência ao clássico da literatura americana de Lyman Frank Baum, o qual escrevia para crianças, mas não de modo infantilizado. Talvez por isso a história enganadoramente simples das aventuras de Dorothy na maravilhosa Terra de Oz, traduzida para praticamente todos os idiomas, seja o mote do poema de Edi Rock.

O poema apresenta um menino que mora nas ruas e sonha com um futuro diferente. Assim como Dorothy de Baum, o menino tem um grupo de amigos estranhos aos olhos da sociedade, como se evidencia no trecho a seguir:”Conhece puta, traficante, ladrão/Toda raça, uma pá de alucinado e nunca embaçou/Confia neles mais do que na polícia”. (RACIONAIS, 2018, p. 114)

No Mágico de Oz de Baum, Dorothy é amiga do Leão Covarde, do Homem de Lata e do Lenhador, os quais a acompanham na aventura de encontrar o Mágico de Oz.

Dorothy confia nos amigos que vão ajudá-la a realizar o sonho de voltar para a casa, assim como o menino no poema confia nos estranhos amigos da rua.

Para o último poema Mano Brown, líder dos Racionais Mc's, a estratégia foi fazer uma compilação dos enredos de todos os poemas de Sobrevivendo no Inferno, com o intuito de levar o eu lírico a refletir sobre a possibilidade de uma fórmula para sobreviver na periferia. No poema Tô ouvindo alguém me chamar, o eu lírico demonstra admiração por Guina, o bandido mais velho que foi seu professor, ”Guina, eu tinha mó admiração, ó/Ele tinha um certo dom para comandar” (RACIONAIS, 2018, p. 63). Em Fórmula Mágica da Paz o eu lírico revive esta lembrança de se espelhar nos bandidos mais experientes, “Admirava os ladrão e os malandro mais velho” (RACIONAIS, 2018, p. 122).

A referencia ao poema Capítulo 4, versículo 3, quase passa despercebida para um leitor menos atento, mas Umberto Eco instrui que “ o texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor.” (ECO, 1994, p. 34), e no verso que diz, “Quatro, **cinco, seis** preto num Opala” (RACIONAIS, 2018, p. 125, grifo nosso) coincide exatamente com a quantidade de personagens que o eu lírico chama para dar uma volta em Capítulo 4, versículo 3, “ Dim-dim-dom, rap é o som que emana do Opala marrom/E aí... chama o **Guilherme**, chama o **Vainer**, chama o **Dinho** e o **Di/Marquinho**, chama o **Éde**r, vamo aí” (RACIONAIS, 2018, p. 51, grifo nosso).

Conclusão/ões

O conjunto de poemas, organizado como um guia de sobrevivência, é uma proposta de reflexão sobre o racismo, a exclusão do jovem negro da sociedade e a violência nas periferias. Essa proposta é feita de forma esteticamente elaborada, o que permite a acadêmicos do curso de Letras e também a professores de Literatura uma discussão e uma abordagem ampla, baseadas em referenciais teóricos. Entender a complexidade estética da obra justifica a presença dela na lista do vestibular de uma das mais importantes instituições de ensino superior do país.

As constatações levantadas durante a pesquisa mostram que os Racionais Mc’s levantam a voz, por meio de sua poética, de uma comunidade marginalizada pela sociedade literária e escrevem poemas que podem contribuir para um movimento cultural moderno e necessariamente expressivo na contemporaneidade.

Agradecimentos

Agradeço a Prof.ª Dr.ª Rosana Apolonia Harmuch, pela orientação, ao CNPQ e a UEPG pelo apoio financeiro.

Referências

ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 124.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras. 1994, 158 p.

MALMACEDA, A.L.B. A L NAS CANÇÕES DOS RACIONAIS MC’S. Uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz. 2017, 140 f. Tese (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2017.

RACIONAIS Mc's. Sobrevivendo no Inferno. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 144 p.